

COMPETÊNCIAS FINANCEIRAS: UMA ANÁLISE DAS DECISÕES FINANCEIRAS DOS DISCENTES NO TOCANTE AS FINANÇAS PESSOAIS

WENNER GLAUCIO LOPES LUCENA

Universidade Federal da Paraíba
wdlucena@yahoo.com.br

REINIELE ALVES DE LIMA MARINHO

Faculdade do Vale do Ipojuca
reinieleadm@hotmail.com

COMPETÊNCIAS FINANCEIRAS: UMA ANÁLISE DAS DECISÕES FINANCEIRAS DOS DISCENTES NO TOCANTE AS FINANÇAS PESSOAIS

1. INTRODUÇÃO

A todo o momento o processo de tomada de decisão está ocorrendo, seja no âmbito pessoal quanto no profissional. Para esse processo os indivíduos são conduzidos tanto por fatores emocionais quanto por informações obtidas ou conhecimento prévio. Nas redes de comunicação muito se fala em taxa de juros, inflação, crédito, investimentos entre outros assuntos que envolvem a área financeira, porém a grande parte da população está alheia a esses conceitos e continua a tomar suas decisões a partir da experiência, sem planejamento, aumentando o percentual de inadimplentes.

Além da falta de conhecimento para gerir seu próprio dinheiro, as pessoas estão à mercê de vieses cognitivos, ou seja, de atalhos mentais que facilitam a tomada de decisão. As Finanças Comportamentais buscam identificar esses vieses, a influência que causa nas escolhas do investidor e como isso interfere no bom andamento do mercado, conforme Halfed e Torres (2001). Essa teoria tem sido muito desenvolvida no mercado de ações, surgindo com a finalidade de provar que a ação do indivíduo não é conduzida por sua total racionalidade, mas que está propenso a erros cognitivos. Cada vez mais, esta linha de estudo tem sido utilizada para analisar o comportamento financeiro do indivíduo comum, verificando a presença de vieses como excesso de confiança, representatividade, ancoragem para explicar a maneira como lidam com sua renda. LUCENA, FERNANDES, SILVA (2011).

Como mencionado anteriormente, os números relacionados à inadimplência são crescentes. As pessoas são conduzidas por um consumismo exagerado, facilidade de crédito e desorganização financeira e assim colocam suas finanças em risco. Isso alerta para a necessidade de programas de educação financeira com a finalidade de conscientizar e instruir a população sobre conceitos básicos de finanças, principalmente no que tange o crédito, poupança e investimento. LUCENA, MACIEL (2010)

Sabendo que, conforme dados do SPC/2011 (Serviço de Proteção ao Crédito) cresce o número de jovens menores de 21 anos nas listas de inadimplência, esse artigo busca responder o seguinte questionamento: **Quais fatores influenciam a tomada de decisão dos jovens do ensino médio das escolas estaduais de Santa Cruz do Capibaribe quanto às suas finanças pessoais?**

Para responder a esse questionamento, foi estabelecido como objetivo geral identificar os fatores condicionantes nas decisões financeiras dos estudantes do 3º ano do ensino médio. Também foram elaborados os seguintes objetivos específicos:

- Estabelecer o perfil sócio-econômico dos alunos em estudo;
- Verificar a influência de fatores cognitivos no comportamento financeiro dos alunos;
- Identificar o conhecimento dos alunos quanto às finanças pessoais.
- Analisar a influência da educação financeira e dos fatores cognitivos nas finanças pessoais.

Com isso, espera-se que este trabalho contribua com o meio acadêmico uma vez que estudos voltados para este tema são restritos no Brasil, como também, através do conhecimento dos fatores condicionantes das ações financeiras dos estudos, despertar para a necessidade de se tomar medidas de conscientização através da educação financeira e com isso gerar uma economia mais eficiente formada por cidadãos conscientes das decisões que tomam.

2. EDUCAÇÃO FINANCEIRA

O conhecimento permite melhor direcionar nossos atos e decisões, isso se aplica também às questões financeiras. Conhecer os produtos financeiros, o mercado e procedimentos de planejamento permitem ao indivíduo um maior controle e organização de sua renda. Para isso tornam-se necessários programas de educação financeira para a sociedade como um todo.

A educação financeira envolve várias atividades relacionadas ao dinheiro no cotidiano, a utilização de cartão de crédito, controle de cheque, decisões de poupar ou consumir, investimentos, seguros. Como discorre Claudino, Nunes e Silva (2009, p. 2) “a educação financeira compreende a inteligência de ler e interpretar números e assim transformá-los em informação para elaborar um planejamento financeiro que garanta um consumo saudável e o futuro equilibrado nas finanças pessoais”.

O conhecimento financeiro possibilita um bem estar pessoal ao evitar endividamento como também um bem estar da sociedade uma vez que indivíduos organizados financeiramente evitam uma série de medidas de ordem pública de controle da economia, como o aumento de impostos por exemplo, ressalta Lucci et al. (2006). Assim, esses indivíduos passam a contribuir com a economia por deixarem de consumir desenfreadamente e passarem a poupar. Quando as famílias mudam esse comportamento, o montante de poupança gerado é utilizado como fonte de financiamento para os setores da economia.

Outro ponto observado por Lucci et al. (2006) trata-se da vulnerabilidade dos consumidores às crises econômicas por não possuírem a prática de administrar seus recursos, estando despreparados para agir diante das consequências das mesmas.

De acordo com a autora, em países como os Estados Unidos é crescente a preocupação com a educação financeira tendo em vista os altos percentuais de inadimplência, falências e as consequências da má condução das finanças pessoais na economia, buscando como solução a implementação de programas educativos para a população, iniciados nas escolas primárias. Ações deste gênero são tomadas em vários países com o apoio do poder público, instituições financeiras, organizações do Terceiro Setor e instituições educacionais.

No Brasil também é preocupante as taxas de inadimplência, conforme dados do SPC/2011 (Serviço de Proteção ao Crédito) o volume de pessoas com dívidas superiores a R\$ 5 mil em instituições financeiras subiu mais de quatro vezes entre 2002 e 2011, representando uma expansão de 339%. Ainda de acordo com SPC, em 2011, 6% dos menores de 21 anos constavam na lista de inadimplentes. Segundo Kantar Worldpanel, empresa internacional de consultoria especializada em investigações de consumo domiciliar, os gastos dos jovens entre 12 e 19 anos são compostos em sua grande maioria por roupas, produtos de embelezamento e alimentação em lanchonetes e shoppings, causando impacto no crescimento do endividamento no país em 2009 (AMADO, 2011).

Algumas medidas tem sido tomadas como a Estratégia Nacional de Educação Financeira instituída pelo Decreto nº 7.397/2010, que tem o intuito de ensinar a crianças, jovens e adultos a lidar com temas como crédito, investimentos e poupança. Instituições brasileiras também desenvolvem atividades com este objetivo, como o MEC (Ministério da Educação e Cultura), Universidades, Bacen (Banco Central do Brasil), CVM (Comissões de Valores Mobiliários), Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo), Febraban (Federação Brasileira de Bancos), Serasa, entre outros. (AMADO, 2011).

Porém, além dessas atividades realizadas pelas instituições acima citadas, percebe-se a urgência em inserir nas unidades escolares disciplinas voltadas para a educação financeira ou mesmo a aplicação desse conhecimento dentro das matérias pertencentes ao currículo escolar, utilizando-se da interdisciplinaridade como meio de proporcionar este saber.

A educação é formada a partir da ação dos pais junto à escola, porém verifica-se que o conhecimento dos pais quanto às finanças, quando existe, é bastante limitado e muitas vezes

acabam passando para os filhos hábitos errados quanto à maneira de lidar com o dinheiro. Dessa forma, cresce a responsabilidade da escola por se tratar de um ambiente de disseminação do conhecimento e formação de cidadãos, cabendo a ela também o papel de educar financeiramente seus alunos, interagindo com a vivência dos mesmos, preparando-os não apenas para o meio acadêmico mas para a própria vida.

3. FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

As decisões tomadas dentro do mercado financeiro eram tidas como puramente racionais, obedecendo ao conceito da Hipótese de Mercados Eficientes que segundo Halfeld e Torres (2001, p.65) “é a ideia de que o homem (*homo economicus*) é um ser perfeitamente racional que, no processo de tomada de decisão, é capaz de analisar todas as informações disponíveis e considerar todas as hipóteses para a solução do problema”. Porém, nas décadas de 80 e 90, foram verificadas anomalias no mercado que não eram explicadas por esta teoria, abrindo espaço para discussões referentes à influência do comportamento do investidor em suas decisões no mercado.

O fato de investidores tomarem suas decisões baseadas em pressupostos e enxergarem um mesmo problema de maneiras diferentes de acordo com a forma que lhe é apresentada faz com que o preço de ativos seja desviado em relação aos valores fundamentais tornando assim o mercado ineficiente e rompendo com o Modelo Moderno de Finanças.

Esse comportamento passou a ser analisado por estudiosos das Finanças Comportamentais que ainda de acordo com Halfeld e Torres (2001, p.65) “o campo de estudos das Finanças Comportamentais é justamente a identificação de como as emoções e os erros cognitivos podem influenciar o processo de tomada de decisão de investidores e como esses padrões de comportamento podem determinar mudanças no mercado”. Dessa forma, o homem não era mais visto como um ser que se utiliza apenas da razão na sua tomada de decisões, mas como tendo sua racionalidade limitada por fatores emocionais e vieses cognitivos.

Assim, não era necessário apenas o conhecimento das leis que regem o mercado financeiro e das informações que agiam sobre o preço de ativos, agora seria preciso detectar a incidência desses vieses cognitivos sobre os investidores de maneira a evitar possíveis erros, uma vez que esses vieses ou heurísticas tratam-se de atalhos mentais que facilitam a tomada de decisão, tornando-a mais rápida, porém menos racional e mais passiva a distorções, como explica Strapazon (2007).

Conforme apresenta Lima (2003) a psicologia cognitiva instiga que o processo humano de decisão está sujeito a diversas ilusões cognitivas, classificadas em ilusões derivadas de processos de decisão heurísticos e ilusões oriundas de práticas tendenciosas que levam ao erro.

Dentre as ilusões que compõem as provenientes de processos de decisão heurísticos estão:

- Representatividade

De acordo com Tversky e Kahneman (1974) apud Yoshinaga et al. (2008) esta heurística é utilizada como meio de facilitar a análise de problemas. O investidor que assim o faz acredita que a probabilidade de ocorrência de um evento específico está relacionada à probabilidade de ocorrência de um grupo de eventos representados pelo evento específico.

- Excesso de confiança

Corresponde a uma característica na qual as pessoas sentem-se acima da média com relação a algumas habilidades. No caso de investidores, confiam no seu poder de tomar decisões e analisar o mercado.

- Ancoragem

Estudos provam que as pessoas utilizam-se de âncoras, valores iniciais, para obter uma resposta final, ou seja, baseiam-se em padrões históricos. Desconsideram que decisões tomadas em contextos similares podem apresentar-se diferentes quando são assumidos valores de referência distintos.

As ilusões oriundas de práticas tendenciosas estão agrupadas na Teoria da Perspectiva (*Prospect Theory*) que trata da tomada de decisão em situações de risco e incerteza e inclui o conceito de aversão à perda que é considerado um dos pilares das Finanças Comportamentais. Lima (2003) expõe que “este modelo comportamental diz que o investidor pesa tanto os ganhos quanto às perdas, mas não dá a ambos o mesmo valor psicológico.” De acordo com essa teoria, as pessoas sentem mais a dor da perda do que o prazer obtido com um ganho equivalente.

As ilusões apresentadas influenciam de alguma forma as decisões dos investidores no mercado de ações, esse comportamento por sua vez provoca alterações no mesmo a partir dos erros e acertos cometidos. Porém, a análise desses vieses cognitivos no processo de tomada de decisão não se limita ao mercado de ações, podendo ser utilizada na compreensão do que leva o indivíduo a consumir ou poupar e como essas decisões influenciam nas finanças pessoais.

4. FINANÇAS PESSOAIS

Dentro do contexto atual no qual muito se fala sobre altas taxas de endividamento do brasileiro, cresce a discussão a cerca de finanças pessoais. Quadros específicos em programas de televisão com a presença de economistas são destinados a este tema a fim de orientar a população a lidar com taxas de juros, negociação de dívidas e principalmente a manter o controle diante da facilidade de crédito.

Para Monteiro (2011, p. 2) finanças pessoais “é tudo que está relacionado à gestão do próprio dinheiro, passando pela organização de contas, administração das receitas, das aplicações financeiras, previsão de rendimentos e priorização de investimentos.” Esse ramo cuida do planejamento da renda pessoal, quanto desta deve ser utilizada para as despesas gerais, a parcela a ser destinada à poupança para as eventualidades e momentos de crise, como também os investimentos que podem ser realizados a fim de se obter rentabilidade e alcançar sonhos materiais.

Apesar de ser um conceito em “alta”, a grande parte da população gasta seu dinheiro de maneira descontrolada, sem nenhum planejamento financeiro, guiados pelo desejo de consumir e por vieses cognitivos. De acordo com Claudino, Nunes e Silva (2009) a tomada de decisão do consumidor sofre influências internas, próprias do campo da psicologia que é constituído de motivação, personalidade, percepção, aprendizagem e atitudes.

Algumas heurísticas tratadas nas finanças comportamentais apresentadas anteriormente podem explicar o comportamento das pessoas quando estão entre a decisão de poupar ou consumir. Uma delas é o excesso de confiança que conforme Zerrenner (2007) apud Ribeiro et al. (2009) “é um viés que faz com que as pessoas se endividem substancialmente, pois estes subestimam a probabilidade que eventos negativos que interrompam sua renda futura aconteçam, tais como perda de emprego ou redução substancial da renda.” Por confiarem excessivamente em suas habilidades pessoais e de previsão do futuro acabam por cometer exageros no ato de consumir e não pouparam acreditando que não sofrerão danos em sua renda.

Uma das causas do aumento do endividamento é a maior facilidade de crédito, o uso do cartão de crédito faz com que as pessoas comprem mais do que aquelas que pagam à vista. Conforme Block-Lieb e Janger (2006) apud Ribeiro et al. (2009) nesses casos pode-se verificar a heurística da ancoragem uma vez que os indivíduos só se perguntam se aquela determinada parcela cabe em seu bolso não tomando consciência do montante do gasto no fim do período, dos juros que estão embutidos pela utilização do crédito.

A base da Teoria do Prospecto é a aversão à perda na qual o indivíduo sente mais a dor da perda do que o prazer do ganho, diante disso Ribeiro et al. (2009, p.3) apresenta:

No que se refere ao endividamento, a Teoria do Prospecto, criada e estudada pelas Finanças Comportamentais, pode identificar a relação risco e consumo, a partir da hipótese de que as pessoas com maior propensão ao endividamento apresentam maior aptidão ao risco. Ao assumirem um endividamento, as pessoas estão colocando em risco seu orçamento, visando um resultado fim. (RIBEIRO ET AL, 2009)

Assim, verifica-se que uma pessoa com aversão à perda tende a correr menos risco ao se tratar de perder, nas finanças pessoais o indivíduo com esta característica em uma decisão de consumir ou poupar, escolherá poupar se a compra representa um risco ao seu patrimônio.

O conhecimento desses fatores e de sua influência por parte do próprio indivíduo poderá levá-lo a decisões mais racionais, uma vez que o conhecimento possibilita o controle dessas ações. Vencidas essas distorções e atalhos, as pessoas poderão realizar escolhas que não prejudiquem suas finanças e assim evitar o endividamento.

Junto a isso uma educação financeira destinada à população permitiria a mesma não só uma fuga à inadimplência como uma maior rentabilidade da renda pessoal através de conceitos financeiros já utilizados no ambiente organizacional, porém adequados ao contexto familiar e disseminados desde cedo, a partir das escolas, a fim de se criar uma cultura de conscientização financeira. Como bem enfatiza Monteiro, Fernandes e Santos (2011, p.2) “para conseguir bons resultados é necessária a noção dos instrumentos financeiros e do funcionamento dos mercados, pois na ausência desse conhecimento o aparecimento de vieses nas decisões se torna inerente aos investidores incultos”.

5. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma pesquisa explicativa. Conforme Gil (2002, p. 42) “essas pesquisas tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de fenômenos”. Já que este estudo busca explicar as razões de determinadas decisões financeiras verifica-se a adequação dessa tipologia de pesquisa. Objetivando caracterizar um determinado grupo utilizou-se também da pesquisa descritiva. De acordo com Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Neste artigo, procedeu-se a identificação do perfil sócio-econômico dos alunos do 3º ano do ensino médio das escolas estaduais de Santa Cruz do Capibaribe bem como a verificação destes a cerca de seu conhecimento financeiro.

A presente pesquisa também se caracteriza como bibliográfica conceituada por Marconi e Lakatos (2010, p.166) como aquela que “abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografia, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação oral.”.

Quanto ao universo e a amostra, Marconi e Lakatos (2010, p. 147) faz a seguinte consideração a amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo”. Sendo assim, o universo da pesquisa é formado pelos estudantes do 3º ano do ensino médio da rede estadual de Santa Cruz do Capibaribe, somando um total de 915 alunos. A amostragem utilizada foi não probabilística por acessibilidade que conforme Vergara (2000, p. 47) “longe de qualquer procedimento estatístico, seleciona elementos pela facilidade de acesso a ele.”, obtendo-se, assim, uma amostra de 580 alunos.

Para a realização da coleta de dados fez-se uso de formulário contendo 27 perguntas sendo as oito primeiras voltadas a identificar o perfil sócio-econômico da amostra, da 9ª a 23ª questão buscou-se verificar o nível de conhecimento financeiro dos estudantes bem como sua percepção quanto a seu conhecimento e à necessidade em se adotar este saber nas escolas. As perguntas 24 a 27 foram destinadas a detectar a influência de vieses cognitivos no processo de tomada de decisão financeira.

Para a realização da análise de dados obtidos foram utilizadas paralelamente a abordagem quantitativa e qualitativa. A respeito da abordagem qualitativa Gil (2008, p.28) explica que "as pesquisas desse tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre variáveis. (...) São incluídas neste grupo as pesquisas que tem por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população". Sendo assim foram feitas análises a partir da interação entre as variáveis. A quantitativa de acordo com Oliveira (1997, p. 115) "significa quantificar opiniões, dados, nas formas de coleta de informações, assim como também com o emprego de recursos e técnicas estatísticas". Para tanto, utilizou-se o software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) com ferramentas como frequência, *crosstabs*, Correlação de Spearman e Qui-Quadrado de Pearson.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1 Perfil Socioeconômico

A tabela 1 apresenta os principais resultados obtidos:

Tabela 1: Perfil Socioeconômico

Indicadores	Resultados
Gênero	58% feminino; 42% masculino
Faixa Etária	34% 17 anos; 20% 18 anos; 18% 16 anos.
Estado Civil	88% solteiro; 6% casado/união estável; 5% outros.
Renda Pessoal	62% até 500,00; 31% 500,01 até 1.000,00.
Renda Familiar	33% 500,01 até 1.000,00; 25% 1.500,01 até 2.500,00; 21% 1.001,00 até 1.500,00.
Principal fonte de renda	46% emprego formal; 30% emprego informal; 19% não trabalham.
Pessoas com quem reside	82% com os pais; 9% outros; 8% cônjuge/ companheiro (a).
Escolaridade dos pais	62% Ensino Fundamental Incompleto; 11% Ensino médio incompleto.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Conforme os dados apresentados na tabela acima a maior parte dos estudantes analisados pertencem ao gênero feminino. Quanto à faixa etária 34% tem 17 anos, a idade propícia a série, sabendo que a idade correspondente a mesma varia de 16 a 18 anos verifica-se que a maior parcela dos alunos não apresentam distorção idade/série. Do total de estudantes 88% são solteiros, seguindo assim os índices do município que de acordo com IBGE (2010) as pessoas acima de 10 anos que tem por estado civil solteiro representam 62%.

Em relação à renda pessoal 62% se concentram em uma renda de até R\$500,00, o que se explica pelo fato de 46% terem sua renda proveniente de emprego informal. Conforme dados do IBGE (2010), 71% das 28.236 pessoas acima de 10 anos empregadas na cidade não possuem carteira assinada, 95% das pessoas economicamente ativas de 15 a 19 anos estão ocupadas no município. Os 19% dos alunos que não trabalham acredita-se que se deve ao fato de alguns pertencerem a Escola Integral ou estudarem nos turnos matutino e vespertino. A renda familiar acompanha as características da renda pessoal havendo um percentual de 33% com renda de R\$500,01 a R\$1.000,00, levando em consideração que são alunos da rede pública espera-se que o poder aquisitivo da família seja baixo.

A maior parte dos alunos reside com seus pais (82%) o que se deduz que não são responsáveis pelas despesas do lar. Os 9% que representam “outros” correspondem a jovens que vieram de cidades circunvizinhas para trabalhar no município e residem com amigos ou só com irmãos. No que se trata da escolaridade dos pais, 62% não finalizaram o ensino fundamental, acredita-se, assim, que o conhecimento financeiro que dispõe é proveniente de sua vivência, diante disso cabe a escola oferecer o conhecimento técnico necessários a esses estudantes.

6.2 Nível de Conhecimento financeiro

Foram estabelecidos alguns indicadores para analisar o nível de conhecimento financeiro, como investimento, financiamento, juros de cartão de crédito, endividamento e planejamento da renda.

6.2.1 Investimento

Quanto a investimento, em relação à opção ineficiente de aplicação para casos de emergência 387 (69%) alunos erraram a questão, porém quando perguntados sobre o melhor investimento que protegeria sua família em caso de desemprego, 49% optaram por aplicação financeira percebe-se assim certa confusão sobre o assunto principalmente no que tange a liquidez dos investimentos. Do total da amostra apenas 17% (95) marcaram as opções corretas nas duas questões, conforme pode ser observado na tabela 2:

Tabela 2 – Ineficiência em aplicação x MI para urgência

		MI para Urgência			Total
		Deposito em Conta Corrente	Aplicação Financeira	Aplicação em Bens	
Ineficiência em Aplicação	Poupança ou Fundos de Investimento	69	117	29	215
	Ações ou Dólar	46	45	26	117
	Conta Corrente	26	18	11	55
	Bens (carro, imóvel, etc)	52	95	28	175
Total		193	275	94	562

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

A questão 12 permitiu inferir que o perfil dos alunos respondentes é conservador uma vez que 58,4% preferiram investir na poupança e 23,2% em bens como carro, moto ou imóveis. O teste estatístico apresentado na tabela 3 mostra que existe relação entre gênero e escolha de aplicação, o gênero masculino tende a aplicar mais em bens enquanto que o gênero feminino em poupança.

Tabela 3 – Teste estatístico

	Nível de Significância
Qui-Quadrado de Pearson	0,017

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Quanto ao outro fator de investimento que é o rendimento ao longo do tempo, 58,2% da amostra acertou a pergunta referente porém ainda é alto o percentual dos que erraram demonstrando assim um baixo conhecimento quanto a juros compostos.

6.2.2 Financiamento

Conforme tabela 4 abaixo os que acertaram quem pagaria mais com juros e decidiram agir da maneira mais vantajosa foram 237 alunos (42%). Poucos optariam pelo financiamento, porém ficaram divididos na questão 17 quando se tratava do valor final do bem.

Tabela 4 – Financiamento de carro x Decisão de financiamento

		Decisão de Financiamento			Total
		Fazer como Dirceu	Fazer como Roberto	Ficar no meio termo	
Financiamento do Carro	Dirceu	23	237	85	345
	Roberto	5	163	54	222
Total		28	400	139	567

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

6.2.3 Cartão de crédito

Dos estudantes analisados 185 (32%) mostraram possuir o conhecimento necessário, respondendo convenientemente as duas perguntas referentes a cartão de crédito, a grande maioria agiria com Ellen, ou seja, pagaria todo o valor do cartão de crédito, porém 54% erraram em qual situação se pagava mais com juros de cartão de crédito, como pode ser visto na tabela 5.

Tabela 5 – Juros de CC x Atitude quanto a CC

		Atitude Quanto ao CC				Total
		Agiria como Ellen	Agiria como Pedro	Agiria como Luís	Agiria como Nanci	
Juros de CC	Ellen	88	14	12	20	134
	Pedro	42	27	23	9	101
	Luís	23	12	35	3	73
	Nanci	185	44	11	25	265
Total		338	97	81	57	573

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

6.2.4 Endividamento

Ao se tratar de endividamento, 61,1% dos pesquisados não possuem dívida, preferem comprar à vista e 21,8% possuem dívida, mas vão pagar em pouco tempo. Conforme tabela 6 o teste estatístico se mostrou significativo no nível 5%, havendo assim correlação entre o fato de como os alunos agiriam em relação ao pagamento da fatura de cartão de crédito e o nível e endividamento, ou seja, o baixo endividamento se explica além de pelo fato de preferirem compra à vista também por procurarem efetuar seus pagamentos no vencimento.

Tabela 6 – Teste estatístico

Variáveis		Possui Dívida	Atitude quanto ao CC*
Possui Dívida	Coeficiente	1,000	0,105
	Sig.	0,000	0,012
Atitude quanto ao CC	Coeficiente	0,105	1,000
	Sig.	0,012	0,000

*A correlação é significativa no nível de significância de 0,01.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

O teste estatístico da tabela 7 mostrou-se significativo para valor da renda pessoal e endividamento, havendo assim relação entre essas variáveis, os entrevistados que possuem renda maior são propensos a maiores dívidas, ou seja, quanto mais ganha mais gasta.

Tabela 7 – Teste estatístico

	Nível de Significância
Qui-Quadrado de Pearson	0,026

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

6.2.5 Planejamento da renda

Quanto a planejar a renda para compra de um produto à vista 71,7% dos alunos acertaram a questão. Os gastos desses alunos se concentram em despesas gerais (37,5%), embora 81% deles residam com seus pais, e despesas pessoais (35,4%). Apenas 9,2% preocupam-se em poupar. Quando perguntados sobre a aposentadoria, 49,7% não se preocupam com isso por serem muito jovens não atentam para a necessidade de planejamento a fim de manter o padrão de vida.

Na tabela 8, o teste estatístico revela influência do valor da renda sobre a situação para a aposentadoria, sendo assim quanto menor a renda pessoal menor a preocupação com a situação para a aposentadoria.

Tabela 8 – Teste estatístico

	Nível de Significância
Qui-Quadrado de Pearson	0,031

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

6.3 Consciência quanto ao próprio conhecimento financeiro

O formulário permitiu conhecer também como esses jovens analisam-se quanto ao seu conhecimento financeiro, evidenciando que 37,4% não se sentem muito seguros e 17,4% nada seguros em relação a isso apenas 3,6% sente-se muito seguro. A tabela 9 mostra que existe correlação entre este fator e a fonte de desse conhecimento, uma vez que o teste estatístico se mostrou significativo no nível 5%. Isso fica claro ao verificar que 52,4% adquiriram seu conhecimento com a família, considerando-se que 62,9% dos pais não terminaram o ensino fundamental isso explica a insegurança dos alunos quanto a conhecimentos financeiros. Os que adquiriram com a experiência prática representam 31% da amostra, como 77,2% desses jovens trabalham e pela economia da cidade deduz-se que estão inseridos em sua boa parte no comércio acredita-se que os conceitos com os quais convivem referem-se a juros, parcelamento, desconto. Somente 1,4% obtiveram se conhecimento em um curso técnico de práticas administrativas pelo SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial).

Tabela 9 – Teste estatístico

Variáveis		Conhecimento Financeiro	Fonte de Conhecimento*
Conhecimento Financeiro	Coeficiente	1,000	0,085
	Sig.	0,000	0,040
Fonte de Conhecimento	Coeficiente	0,085	1,000
	Sig.	0,040	0,000

*A correlação é significativa no nível de significância de 0,01.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

O teste estatístico da tabela 10 evidenciou que a segurança quanto ao próprio conhecimento também sofre influência do gênero. O gênero masculino tende a ser mais autoconfiante enquanto o feminino sente maior necessidade de conhecimento.

Tabela 10 – Teste estatístico

	Nível de Significância
Qui-Quadrado de Pearson	0,000

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Quando os pesquisados foram perguntados quanto a inserir o conteúdo financeiro no currículo escolar 44,5% concordaram em se abordar esse assunto junto à disciplina de matemática e 35,9% gostariam que houvesse uma disciplina própria para o conteúdo financeiro, 13,1% acreditam ser desnecessário, pois já adquirem esse conhecimento no dia-a-dia.

6.4 Influência de fatores cognitivos nas decisões tomadas

Foi analisada a presença dos vieses cognitivos excesso de confiança e aversão à perda na amostra estudada.

Percebeu-se que 30% (166) dos alunos apresentaram aversão à perda em comum nas três questões colocadas (24, 25,26) conforme tabela 11.

Tabela 11 – Melhor investimento x Perda e Ganho x Ingresso Teatro

			Perda e Ganho		Total
			Certeza de Perder 750,00	75% de Perder 1.000,00 25% Nada Perder	
Ingresso Teatro					
Sim	Melhor Investimento	85% de Ganhar 1.000,00, 15% Nada Ganhar.	15	27	42
		Certeza de Ganhar 800,00	75	102	177
	Total		90	129	219
Não	Melhor Investimento	85% de Ganhar 1.000,00, 15% Nada Ganhar.	18	33	51
		Certeza de Ganhar 800,00	121	166	287
	Total		139	199	338

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Como foi verificado anteriormente, os estudantes analisados possuem um perfil de investidor conservador, ou seja, possuem propensão a ter aversão à perda uma vez que optaram por aplicações que proporcionam segurança.

Quando perguntados sobre a confiança para gerir os próprios recursos financeiros 36,5% concordaram totalmente e 26,8% concordaram parcialmente revelando tendência a excesso de confiança. De acordo com tabela 12 há correlação entre como os alunos sentem-se quanto ao seu conhecimento financeiro com a confiança em gerir os próprios recursos.

Tabela 12 – Teste estatístico

Variáveis		Gerir Recursos	Conhecimento Financeiro*
Gerir Recursos	Coeficiente	1,000	0,277
	Sig.	0,000	0,000
Conhecimento Financeiro	Coeficiente	0,277	1,000
	Sig.	0,000	0,000

*A correlação é significativa no nível de significância de 0,01.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

6.5 Influência da Educação financeira e dos fatores cognitivos nas finanças pessoais

Foi verificado que o nível de conhecimento financeiro dos alunos estudados é baixo principalmente no que se refere à liquidez de investimento, rendimentos futuros, juros de cartão de crédito e financiamento, também não realizam planejamento financeiro por não se preocuparem em poupar para gastos futuros. Por cometerem erros nas questões colocadas infere-se que também os cometam em suas decisões financeiras do dia-a-dia por falta de conhecimento da área, tomando suas decisões baseadas no senso comum, apesar de apresentarem baixo endividamento.

O teste estatístico apresentado na tabela 13 mostrou-se significativo, ou seja, quanto maior o caráter técnico da fonte de conhecimento maior o acerto da questão 13 quanto ao rendimento do dinheiro ao longo do tempo.

Tabela 13 – Teste estatístico

	Nível de Significância
Qui-Quadrado de Pearson	0,042

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Isso se confirma também no teste da tabela 14 que mostra significância quanto à relação de fonte de conhecimento e possuir dívidas, os percentuais daqueles que não possuem dívida foram maiores nos estudantes que obtêm seu conhecimento de revista, livros, TV, rádio, internet e curso técnico.

Tabela 14 – Teste estatístico

	Nível de Significância
Qui-Quadrado de Pearson	0,003

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

A tabela 15 revela significância para o teste estatístico fonte de conhecimento e situação de aposentadoria, assim quanto mais técnica for a fonte de conhecimento maior será a preocupação de se preparar para a aposentadoria.

Tabela 15 – Teste estatístico

	Nível de Significância
Qui-Quadrado de Pearson	0,005

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Os testes mostram a ligação entre o conhecimento técnico e decisões acertadas, porém o mesmo teste realizado para as demais variáveis relacionadas ao nível de conhecimento financeiro não apresentaram significância.

Outro ponto a ser analisado nas finanças pessoais é a influência de fatores cognitivos, como o nível de conhecimento financeiro desses jovens não é suficiente, os mesmos ficam propensos a vieses cognitivos como aversão à perda e excesso de confiança. A aversão à perda faz com que os estudantes busquem investimentos baseados na segurança que lhe oferecem e não na liquidez e rendimento, fazendo-os perder boas oportunidades. O excesso de confiança muitas vezes impede as pessoas de se prepararem para situações futuras como a aposentadoria, de realizarem uma poupança para emergências ou mesmo de buscarem conhecimento ao invés de continuar tomando decisões erradas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada com uma amostra de 580 alunos do 3º ano do ensino médio, foram escolhidos por estarem finalizando o 2º grau e assim acreditar-se que a análise

permearia no conhecimento adquirido ao longo dos anos estudados. Assim, baseando-se nas questões propostas simulando situações, foi verificado que o nível de conhecimento financeiro dos alunos é baixo quanto a rendimentos futuros, liquidez de investimento, juros de cartão de crédito e financiamento, o que é compreensível já que este conteúdo não é visto em sala de aula e a maior parte dos discentes adquire este tipo de saber dos pais que por sua vez, a grande maioria não finalizaram o ensino fundamental.

Quanto a presença de vieses cognitivos na amostra, detectou-se que 30% sofre de aversão à perda o que explica o perfil conservador para investimentos. O excesso de confiança também foi evidenciado já que acreditam que podem gerir seus próprios recursos apesar de não possuírem o conhecimento necessário para isso. O gênero masculino mostrou-se mais autoconfiante que o gênero feminino.

Ao serem realizados teste estatísticos para verificar a influência do conhecimento financeiro nas finanças pessoais, percebeu-se que em três desses (fonte de conhecimento x investimento para aposentadoria, fonte de conhecimento x possui dívida, fonte de conhecimento x situação de aposentadoria) houve confirmação, porém os demais não apresentaram significância. Para que a influência desse fator fosse adequadamente comprovada sugere-se uma pesquisa de cruzamento entre duas amostras, uma com alunos da rede pública outra composta por alunos de curso técnico na área administrativa, assim a influência ou não seria claramente detectada.

Em relação aos vieses cognitivos, como foi percebida a presença de aversão à perda e excesso de confiança, acredita-se que os mesmos influenciam nas finanças pessoais da amostra quanto a investimentos e planejamento financeiro. Outros fatores foram detectados como influenciadores das decisões financeiras dos alunos analisados, como o gênero e a renda pessoal, que exerceram ação sobre os indicadores possuem dívidas, situação de aposentadoria e capacidade de gerir recursos.

Esta pesquisa se deteve a verificar os fatores de influência nas decisões financeiras dos alunos estudados bem como reafirmar a necessidade de inserção do conteúdo financeiro nas unidades escolares uma vez que é comprovado o déficit desse conhecimento, a falta de preparo de boa parte dos pais, não havendo assim outro meio mais propício para disseminação deste saber senão na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Mauro Dal Ponte. **Educação Financeira de Ingressantes na Universidade**. 2011. 61p. Trabalho de conclusão de curso de graduação (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2011.
- CLAUDINO, Lucas Paravizo; NUNES, Murilo Barbosa; SILVA, Fernanda Cristina da. **Finanças Pessoais: um estudo de caso com servidores públicos**. In: Seminários em Administração, XII, 2009, São Paulo. XII SEMEAD FEA-USP, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALFELD, Mauro; TORRES, Fábio de Freitas Leitão Torres. Finanças Comportamentais: aplicações no contexto brasileiro. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.41, n. 2, p. 64-71, abr./jun. 2001.
- IBGE. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 14 de jun. de 2012.
- LIMA, Murillo Valverde. Um Estudo sobre Finanças Comportamentais. **RAE- Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.2 número 1, jan./jun. 2003.
- LUCCI, Cintia Retz; ZERRENNER, Sabrina Arruda; VERRONE, Marco Antonio Guimarães; SANTOS, Sérgio Cipriano dos. **A Influência da Educação Financeira nas Decisões de Consumo e Investimento dos Indivíduos**. In: IX Seminários em Administração, 2006, São Paulo. IX SEMEAD FEA-USP, 2006.

- LUCENA, Wenner Glaucio Lopes; FERNANDES, Maria Sueli Arnoud; SILVA, José Dionisio Gomes da. A Contabilidade Comportamental e os Efeitos Cognitivos no Processo Decisório: Uma Amostra com Operadores da Contabilidade. **Revista Universo Contábil**, Blumenau, v. 7, n. 3, p. 41-58, jul./set.,2011.
- LUCENA, Wenner Glaucio Lopes; MACIEL, Rutênio Gleisson Costa. **A precificação Psicológica relacionada ao Comportamento do Consumidor no Processo de Decisão de Compra de Bens ou Serviços**. In. IV Congresso Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, 2010, Natal. AnpCont 2010.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. Ver. São Paulo: Atlas, 2010.
- MONTEIRO, Danilo Lima; FERNANDES, Bruno Vinícius Ramos; SANTOS, Wagner Rodrigues dos. **Finanças Pessoais: Um Estudo dos seus Princípios Básicos com Alunos da Universidade de Brasília**. In. II Congresso Nacional de Administração e Ciências Contábeis, 2011, Rio de Janeiro. AdCont 2011.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. Revisão Maria Aparecida Bessana. São Paulo: Pioneira, 1997.
- RIBEIRO, Caroline do Amaral; VIEIRA, Kelmara Mendes; SANTOS, João Heitor de Avila; TRINDADE, Larissa de Lima; MALLMANN, Estela Isabel. **Finanças Pessoais: Análise dos Gastos e da Propensão ao Endividamento em Estudantes de Administração**. In. SEMEAD, 2009, Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande do Sul: SEMEAD, 2009.
- SPC. Disponível em www.spc.brasil.org.br/noticias. Acesso em 31 de jan. de 2012.
- STRAPAZZON, Rafael Maciel. **Uma análise experimental do viés do status quo em tomadas de decisão**. 2007. 62 p. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2007.
- VERGARA, Sylvia C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 3ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- YOSHINAGA, Claudia Emiko; OLIVEIRA, Raquel Freitas de; SILVEIRA, Alexandre Di Miceli da; BARROS, Lucas Ayres B. de C.. **Finanças Comportamentais: uma introdução**. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 25-35, julho./set., 2008.